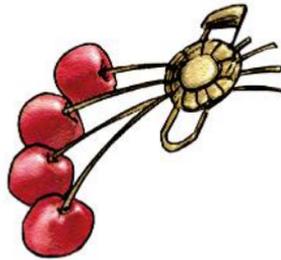




coleção

lygia
fagundes
telles



Oito contos de amor

Ilustrações

Dave Santana e Maurício Paraguassu

Organização

Pedro Paulo de Sena Madureira



editora ática

© Lygia Fagundes Telles, 1996

Diretor editorial

Editora

Editora assistente

Assessoria

Redação

Coordenação editorial

Coordenadora de revisão

Revisores

Pesquisa iconográfica

ARTE

Capa e projeto gráfico (adaptação)

Editora

Edição eletrônica

Fernando Paixão

Gabriela Dias

Tatiana Corrêa Pimenta

Suênio Campos de Lucena

Barbara Heller e Márcia Lígia Guidin

Miró Editorial

Ivany Picasso Batista

Márcia Lígia Guidin, Renata Del Nero e

Eliel Silveira da Cunha

Silvio Kligin e Barbara Heller

2 Studio Gráfico

Cíntia Maria da Silva

Claudia Furnari

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

T275o

6.ed.

Telles, Lygia Fagundes

Oito contos de amor / Lygia Fagundes Telles ; ilustrações Dave Santana e Maurício Paraguassu. – 6.ed. – São Paulo : Ática, 2012

il. – (Coleção Lygia Fagundes Telles)

Contém suplemento de leitura

Inclui apêndice e bibliografia

ISBN 978-85-08-16115-7

1. Histórias de amor. 2. Conto brasileiro. I. Título. II. Série.

06-3867.

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 16115-7 (aluno)

ISBN 978 85 08 10800-8 (professor)

CL: 737776

CAE: 270812

2018

6ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 1996

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Amar é amargo

Contos de amor sem final feliz? Sim, isso é possível, pois muitas vezes quem ama não é correspondido e acaba vivendo num mundo interior em que os dias trazem o céu encoberto e cinzento.

Os textos de Lygia Fagundes Telles aqui reunidos não revelam sentimentos doces e felizes. Ao contrário, a escritora nos mostra que os que amam sofrem. Ou porque o ser amado nem sabe da existência de quem o ama, ou prefere outra pessoa, ou promete o que não cumprirá, ou então morre. E o tempo, como demonstram narradores e personagens destas histórias, não chega a aliviar as dores, pois a memória continua doendo e incomoda para sempre.

No conto “As cerejas”, o rapaz louro e elegante invade o coração da menina interiorana de unhas roídas e singelos vestidos. O broche de cerejas da extravagante tia e a imagem dele jamais a abandonarão. Teriam eles existido mesmo? – pergunta-se ela.

Em “As pérolas” é o marido doente e imobilizado quem cria, em seu silencioso delírio, um triângulo amoroso – rico até em diálogos imaginários – entre sua mulher e “o outro”. Em “*Herbarium*”, a jovem, também com unhas roídas, ama com paixão o primo botânico hospedado em sua casa, convalescente de uma misteriosa doença. Procurar para ele as mais raras folhas significa percorrer caminhos até seu coração.

E a frenética busca da mulher que se assina “Pomba enamorada”? Dedicou a vida inteira a Antenor, recorrendo a toda sorte de estratégias para tentar conquistá-lo. Em “A chave”, lembranças da primeira esposa nascem diante da energia sufocante da segunda (uma jovem de longas e belas pernas) para compor a dúvida: quem dera a chave ainda estivesse com Francisquinha? Já em “A estrutura da bolha de sabão”, duas são as mulheres que se defrontam: a dócil esposa e ela, “a outra”, que narra a fragilidade de um amor condenado à ruptura.

No misterioso “O encontro”, dividimos com a protagonista a coragem de enfrentar um jogo dramático de reconhecimento. De certa maneira, ocorre o mesmo em “Apenas um saxofone”, quando, a partir de breves momentos de reflexão, a solitária Luisiana encara uma difícil viagem intimista ao relembrar seu caso de amor.

Desencontros, frustrações, decepções são as forças narrativas destas oito histórias. Nelas, Lygia Fagundes Telles nos conta que a ausência de uma vida verdadeiramente compartilhada provoca dor e atinge todos nós, jovens ou maduros.

Como a escritora não adere ao amor romântico, terminamos a leitura destes oito contos com a sensação de que somos os únicos responsáveis pelos nossos destinos. E de que o ser amado, quando pode nos ver, mostra-se quase tão frágil quanto nós...

Os editores

Sumário



-
1. *As cerejas* II
 2. *Pomba enamorada*
ou Uma história de amor 21
 3. *As pérolas* 31
 4. *Herbarium* 43
 5. *A chave* 53
 6. *Apenas um saxofone* 65
 7. *O encontro* 77
 8. *A estrutura da bolha de sabão* 87

Lygia Fagundes Telles com todas as letras

Biografia 94

Entrevista 96

Por dentro do estilo 100

Bibliografia 102

*Para Lúcia Carolina
e Margarida, minhas netas*





1 *As cerejas*

Aquela gente teria mesmo existido? Madrinha tecendo a cortina de crochê com um anjinho a esvoaçar por entre rosas, a pobre Madrinha sempre afobada, piscando os olhinhos estrábicos, “Vocês não viram onde deixei meus óculos?”. A preta Dionísia a bater as claras de ovos em ponto de neve, a voz ácida contrastando com a doçura dos cremes, “Esta receita é nova...”. Tia Olívia enfasiada e lânguida, a se abanar com uma ventarola chinesa, a voz pesada indo e vindo ao embalo da rede, “Fico exausta no calor...”. Marcelo muito louro – por que não me lembro da voz dele? – agarrado à crina do cavalo, agarrado à cabeleira da tia Olívia, os dois tombando lividamente azuis sobre o divã. “Você levou as velas à tia Olívia?”, perguntou Madrinha lá debaixo. O relâmpago. Apagaram-se as luzes e no escuro que se fez, veio como resposta o ruído das cerejas despencando no chão.

A casa em meio do arvoredo, o rio, as tardes como que suspensas na poeira do ar – desapareceu tudo sem deixar vestígios. Ficaram as cerejas, só elas resistiram com sua vermelhidão de loucura. Basta abrir a gaveta: algumas foram roídas e nessas o algodão estoura, empelotado, não, tia Olívia, não eram de cera, eram de algodão as suas cerejas vermelhas.

Ela chegou inesperadamente. Um cavaleiro trouxe o recado do chefe da estação pedindo a charrete para essa visita que acabara de desembarcar.

– É Olívia, exclamou Madrinha. – É a prima! Alberto escreveu dizendo que ela viria, mas não disse quando, ficou de avisar. Eu ia mudar as cortinas, bordar umas fronhas e agora!... Justo Olívia. Vocês não podem fazer ideia, ela é de tanto luxo e a casa aqui é tão simples, não estou preparada, meus céus! O que é que eu faço, Dionísia, me diga agora o que é que eu faço!

Dionísia folheava tranquilamente um livro de receitas. Tirou um lápis da carapinha tosada e marcou a página com uma cruz.

– Como se já não bastasse esse menino que também chegou sem aviso...

O menino era Marcelo. Tinha apenas três anos mais do que eu mas era tão alto e tão elegante com suas belas roupas de montaria que tive vontade de entrar debaixo do armário quando o vi pela primeira vez.

– Um calor na viagem! – gemeu tia Olívia em meio da onda de perfumes e malas. – E quem é este rapazinho?

– Pois este é o Marcelo, filho do Romeu, disse Madrinha. – Você não lembra do Romeu? Primo-irmão do Alberto...

Tia Olívia despreendeu do chapeuzinho preto dois grandes alfinetes de pérola em formato de pera. O galho de cerejas estremeceu no vértice do decote da blusa transparente. Desabotoou o casaco.

– Ah, minha querida, o Alberto tem tantos parentes, uma família enorme! Imagine se vou me lembrar de todos com esta minha memória. Ele veio passar as férias aqui?

Por um breve instante Marcelo deteve em tia Olívia o olhar frio. Chegou a esboçar um sorriso, aquele mesmo sorriso que tivera quando Madrinha, na sua ingênua excitação, nos apresentou a ambos, “Pronto, Marcelo, aí está sua priminha, agora vocês poderão brincar juntos...”. Ele então apertou um pouco os olhos e se afastou.

– Não estranhe, Olívia, que ele é por demais arisco, segredou Madrinha ao ver que Marcelo saía da sala. – Se trocou comigo meia dúzia de palavras, foi muito. Aliás, toda a gente de Romeu é assim mesmo, são todos muito esquisitos. Esquisitíssimos!

Tia Olívia ajeitou com as mãos em concha o farto coque preso na nuca. Umedeceu os lábios com a ponta da língua.

– Tem *charme*...

Aproximei-me fascinada. Nunca tinha visto ninguém como tia Olívia com aqueles olhos pintados de verde e com aquele decote assim fundo.

– É de cera? – perguntei tocando-lhe as cerejas.

Ela acariciou minha cabeça com um gesto distraído. Senti seu perfume.

– Acho que sim, querida. Por quê? Você nunca viu cerejas?

– Só na folhinha.

Ela teve um risinho cascadeante. No rosto muito branco a boca parecia um largo talho aberto e com o mesmo brilho das cerejas.

– Na Europa são tão carnudas, tão frescas!

Marcelo também tinha morado na Europa com o avô. Seria isso que os fazia infinitamente superiores a nós? Pareciam pertencer a um outro mundo tão acima do nosso, ah! como éramos